

DOSSIER

*Literatura digital,  
cultura algorítmica y decolonialidad*

**ARQUIVOS DE LITERATURA DIGITAL  
NO SUL GLOBAL: UMA PROPOSTA TIPOLOGICA  
ELECTRONIC LITERATURE ARCHIVES IN THE GLOBAL SOUTH:  
A TYPOLOGICAL PROPOSAL**

**Vinícius Carvalho Pereira  
Universidade Federal de Mato Grosso**

*Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Estágio pós-doutoral na Universidade de Nottingham (UoN). Bolsista produtividade do CNPq.*

Contacto: [vinicius.pereira@ufmt.br](mailto:vinicius.pereira@ufmt.br)

ORCID: [0000-0003-1844-8084](https://orcid.org/0000-0003-1844-8084)

DOI: [10.5281/zenodo.16388378](https://doi.org/10.5281/zenodo.16388378)

## RESUMO

## PALABRAS CLAVE

*Arquivos literários**Literatura digital**Sul global**Tipologia**Memória literária*

*Considerando que os arquivos de literatura digital ocupam geralmente posições centrais nas comunidades de autores, leitores, pesquisadores, professores e críticos interessados nesse campo, o presente artigo volta-se para o contexto do Sul global com vistas a propor uma tipologia desses arquivos. A definição das categorias parte de uma análise bottom-up de 23 arquivos identificados em um estudo exploratório em bases de dados e publicações sobre o tema, considerando critérios como finalidade dos arquivos, acesso, público-alvo e recursos de navegação. Com base nos padrões identificados, a tipologia ora proposta considera que os arquivos de literatura digital do Sul Global podem se apresentar como antologias, mapeamentos, listagens (ou, em contextos mais específicos, portfólios), revistas e plataformas de streaming de livros. O recorte específico do Sul global é relevante para compreender como a literatura digital emerge e vai, por meio de arquivos literários digitais, se organizando progressivamente como sistema em países com realidades sociotécnicas típicas de nações em desenvolvimento. Por fim, destaca-se que os arquivos não apenas guardam uma memória passada literária, mas delineiam possibilidades futuras, influenciando o que pode vir a ser reconhecido e preservado como literatura digital em diferentes sistemas e contextos.*

## ABSTRACT

## KEYWORDS

*Literary archive**Digital literature**Global South**Typology**Literary memory*

*Considering that digital literature archives often occupy central positions within communities of authors, readers, researchers, educators, and critics engaged in this field, the present article focuses on the context of the Global South with the aim of proposing a typology of such archives. The definition of categories is based on a bottom-up analysis of 23 archives identified through exploratory research in databases and publications on the topic, taking into account criteria such as the archives' purpose, access, target audience, and navigation resources. Based on the patterns observed, the proposed typology suggests that digital literature archives in the Global South can take the form of anthologies, mappings, listings (or, in more specific contexts, portfolios), journals, and book streaming platforms. The specific focus on the Global South is relevant for understanding how digital literature emerges and gradually becomes organized as a system in countries with sociotechnical conditions typical of developing nations. Finally, it is important to highlight that these archives not only preserve a literary memory of the past but also shape future possibilities, influencing what may come to be recognized and preserved as digital literature across different systems and contexts.*

Fecha de envío: 15/06/25

Fecha de aceptación: 04/07/25

## Introdução

A hibridização entre a literatura e outros meios artísticos certamente vem ganhando novos contornos a partir do último quartel do século XX, sobretudo com a popularização dos dispositivos computacionais enquanto metameios (Jensen, 2010) para os quais convergem hoje dados de imagem, som e texto (Jenkins, 2009). Diante dos distintos modos como hoje a literatura é atravessada pelas tecnologias digitais nos processos de produção, inscrição, circulação e recepção de textos, podemos circunscrever um campo específico, o da literatura digital,<sup>1</sup> descrito pela pesquisadora chilena Carolina Gainza como composto de

[...] escrituras que não apenas utilizam um aparato eletrônico como meio, senão que, e mais importante em sua definição, se baseiam em diversas formas de manipulação de códigos informáticos, seja de forma direta ou indireta. Nesse sentido, a denominação “digital” permite delimitar uma literatura própria dessa época, que refere práticas relacionadas com a experimentação com a linguagem de códigos ou com meios digitais, como as redes sociais. (Gainza, 2020: 334-335, tradução nossa).

Experimentando com linguagens de programação e meios digitais, alguns dos gêneros abarcados por esse campo incluem a narrativa hipertextual, a poesia generativa, *chatbots* literários, poemas visuais em hipermídia, quadrinhos interativos, *fanfics*, microcontos e micropoemas em redes sociais, *slams* digitais, videopoemas, *machinimas*, ficção interativa (Hayles, 2009; Rettberg, 2019; Gainza, 2018; Funkhouser, 2007; 2012), entre tantos outros. Essa ampla variedade de gêneros revela os diferentes modos como a literatura digital mobiliza recursos algorítmicos, de bancos de dados ou de interfaces computacionais, como elementos da linguagem dos novos meios (Manovich, 2001), para permear diferentes esferas culturais. Afinal, enquanto um campo híbrido e emergente, a literatura digital se relaciona ao mesmo tempo com outros produtos culturais eletrônicos de massa (como os videogames, as redes sociais e as plataformas de *streaming*) e com diferentes pontos das séries literárias da cultura impressa (a exemplo da poesia concreta, de experiências oulipianas e dadaístas com colagem e aleatoriedade, dos romances fragmentados do alto Modernismo etc.) (Pressman, 2014).

Formada por um sistema em torno de obras que não podem prescindir da mídia digital e que, como tecnotextos (Hayles, 2002), refletem criticamente sobre essa materialidade inscricional, a condição de existência da

---

<sup>1</sup> Frente à divergência terminológica no campo, em que se apresentam usos quase equivalentes de “literatura eletrônica” e “literatura digital”, opto neste artigo pela segunda forma, mais popular na América Latina.

literatura digital é a própria digitalidade. Por esse motivo, está sujeita não apenas aos princípios de funcionamento dos *dispositivos* digitais descritos por Lev Manovich (2001) – representação numérica, modularidade, automação, variabilidade e transcodificação –, mas também às *disposições* culturais que esses dispositivos ensejam (Rocha; Salgado, 2024).

Adotando-se tal abordagem, esteada na premissa de literatura como uma prática cultural desenvolvida numa realidade sociotécnica, pode-se observar que, frente a outros elementos comuns a quaisquer sistemas literários, como autores, leitores e obras (Candido, 1961), ganham centralidade, no âmbito da literatura digital, os *arquivos* desse campo. Sua relevância se deve, em parte, às múltiplas funções que tais arquivos desempenham no universo da literatura digital, somando às funções de documentação e preservação de obras (típicas de quaisquer arquivos literários) aquelas normalmente atribuídas a outros atores dos sistemas literários, como pesquisadores, bibliotecários, críticos, livreiros e professores.

Dada a importância dos arquivos como centros de gravidade dos sistemas de literatura digital, este artigo tem por objetivo analisar panoramicamente alguns dos principais arquivos de literatura digital do Sul global e propor uma tipologia para eles. Ainda que alguns dos tipos de arquivos encontrados nessa região apresentem semelhanças aos do Norte global, empreenderemos uma análise de uma perspectiva situada, que destaque as especificidades de projetos arquivísticos como esses em países na periferia do tecnocapitalismo. A relevância da proposta resta patente ao considerarmos a escassez de estudos sobre a matéria correlacionando arquivos latino-americanos, africanos, médio-orientais e sul-asiáticos, os quais em geral ou não são estudados (posto que eclipsados pelos arquivos europeus e norte-americanos), ou o são isoladamente (no que se perde a perspectiva sistêmica de internacionalização Sul-Sul em escala global aqui pretendida).

### **Arquivos de literatura digital: dispositivos e disposições do Sul global**

Na perspectiva adotada neste artigo, arquivos de literatura digital são dispositivos computacionais que reúnem dados e metadados de obras de *literatura digital*, adotando procedimentos com diferentes graus de sistematização para sua catalogação e documentação. Tais arquivos podem operar com definições mais ou menos explícitas e consistentes para literatura digital, um tipo de produto cultural cuja circunscrição frente a outras formas de arte digital ou de escrita digital nem sempre é fácil.

No que concerne à natureza do material armazenado, os arquivos de literatura digital diferem de arquivos literários como os descritos por Reinaldo Marques (2015) – aqueles surgidos no Brasil nos anos de 1970, com os primeiros Programas de Pós-Graduação de Letras, o fortalecimento de

instituições públicas de pesquisa e cultura e a transferência de acervos pessoais de escritores falecidos para custódia de universidades e centros de memória. Esses arquivos mais tradicionais, em geral centrados em manuscritos e datiloscritos, costumam ser muito mais heteróclitos que os de literatura digital, pois coligem, além de obras literárias, seus rascunhos, objetos pessoais de escritores, mobília de seus escritórios, correspondências, diários e outros itens de miscelânea, como os que se encontram na Fundação Casa de Ruy Barbosa, ou no Acervo de Escritores Mineiros (AEM) da UFMG.

Menos diversos, arquivos de literatura digital costumam se organizar como recursos online que compilam tão somente links para acesso a obras e metadados sobre elas. Apesar de hoje praticamente todos serem acessíveis via Internet, seja na web, seja em aplicativos ou redes sociais, há arquivos de literatura digital que antecedem a popularização da rede mundial de computadores,<sup>2</sup> sendo organizados e distribuídos em mídias físicas, como disquetes ou CDs. No Brasil, merece destaque o CD *Poesia Digital: Teoria, História Antologia*, encartado em livro impresso homônimo, do pioneiro Jorge Luiz Antônio (2010). Outros arquivos de literatura digital, especialmente nos primeiros anos do século XXI, foram publicados simultaneamente em mídias físicas e digitais, a exemplo dos dois primeiros volumes da *Electronic Literature Collection*, disponíveis em website e em *flash drives* USB que eram gratuitamente despachados via correio pelos organizadores. Projetos dessa natureza fogem, no entanto, ao escopo deste estudo, que se limita a arquivos online de literatura digital.

Os arquivos de literatura digital, como quaisquer outros arquivos literários, são dispositivos que ensejam *disposições* curatoriais e arcônticas mais ou menos explícitas, já que todo arquivo é definido por escolhas do que/como/por que arquivar. Desse modo, os arquivos de literatura digital reproduzem dinâmicas *topológicas* (organizando num mesmo espaço e tempo, ainda que virtual, materiais de origem heterotópica e heterocrônica) e *nomológicas* (operando classificações, inclusões/exclusões e regulando o acesso) típicas de qualquer arquivo (Derrida, 2001), mesmo que reinventadas na materialidade eletrônica.

Por consequência, os arquivos de literatura digital se revelam muito mais do que espaços para *conservação* de obras arquivadas (Derrida, 2001), visto que também culminam em sua *classificação*, *preservação*, *disponibilização*, *divulgação* e *valorização* (e eventual *canonização* ou *marginalização*). Segundo Reinaldo Marques (2007: 14), esse acúmulo de funções é comum a arquivos literários em geral, dado “seu caráter híbrido – um misto de biblioteca, arquivo e museu. A esses acervos agregam-se, pois, novos valores: histórico-

---

<sup>2</sup> Chris Funkhouser (2007) refere-se à poesia digital anterior à Internet como pré-histórica, o que pode ser aqui estendido à literatura digital pré-web de modo mais amplo (e aos arquivos de mesmo cariz).

cultural, estético, acadêmico, expositivo, econômico”. No entanto, dada a insipiência de instituições de crítica, divulgação e mercado exclusivamente dedicadas à literatura digital, nesse campo os arquivos literários concentram ainda mais funções, haja vista serem os principais legitimadores das comunidades que os organizam, mantêm e consultam.

Funcionando, pois, como centros de gravidade de variadas comunidades voltadas à literatura digital em todo o mundo (Rettberg; Tomaszek; Baldwin, 2015), muitos arquivos de literatura digital acabam recebendo, por extensão, as alcunhas dessas mesmas comunidades, como no caso dos 4 volumes da *Electronic Literature Collection*, compilados pela Electronic Literature Organization (ELO); ou dos dois volumes da *Antología Lit(e)Lat*, organizados pela Red de Literatura Electrónica Latinoamericana – Lit(e)Lat. Nesse frequente jogo de identidades/quase-identidades onomásticas entre comunidades de literatura digital e seus arquivos, observa-se o paradoxo da literatura como *instituição desinstitucionalizante* que Derrida (2014) já indicara. Ao mesmo tempo em que tais arquivos põem em questão a instituição Literatura (com L maiúsculo) por coligirem obras que se definem antes por sua digitalidade do que por determinadas características definidas como literárias na cultura impressa, eles também visam a uma institucionalização desse campo e a uma reafirmação das comunidades por eles responsáveis.

Segundo essa dinâmica, em cada comunidade de literatura digital, seus integrantes frequentemente assumem diferentes papéis constelados pelos arquivos literários, seja como editores/organizadores,<sup>3</sup> autores de obras arquivadas, estudiosos dos acervos, leitores das obras, professores que recorrem a esses repositórios etc. Cada arquivo funciona, pois, como um *vetor de sensibilidades*, ou uma *matéria organizada* (codificando em um dispositivo informático uma série de signos que traduzem dados e metadados sobre as obras arquivadas), que enforma uma *matriz de sociabilidade*, ou uma *organização materializada* (na forma de atores e instituições que assumem junto à comunidade os papéis supracitados), nos termos de Debray (1993). Observe-se, porém, que tais matrizes de sociabilidade não se constroem apenas internamente às comunidades de organizadores e usuários dos arquivos de literatura digital, senão também entre distintas comunidades cujos arquivos em alguma medida dialogam.

Quando não indexadas em arquivos literários como esses, as obras de literatura digital estão sujeitas à dispersão em páginas na web, em plataformas de redes sociais, ou em mídias físicas de arquivos pessoais de artistas. Não sendo em geral comercializadas, salvo raras exceções, e estando cada vez menos sujeitas à lógica de download e instalação em máquinas locais

<sup>3</sup> A barra aqui representa uma oscilação de nomenclatura encontrada nos próprios arquivos para se referir aos responsáveis por sua criação e manutenção, conforme discutido mais à frente no artigo.

pelos leitores, as obras de literatura digital são hoje majoritariamente acessadas apenas no paradigma de software como serviço, ou computação em nuvens, de modo que os arquivos se tornam o equivalente a prateleiras na web, a serem acessadas remotamente toda vez que se quer executar uma obra. Nas “prateleiras do arquivo”, não estão, porém, de fato as obras, há que se dizer: o que há ali normalmente são links externos para outras páginas, hospedadas em outros servidores (amiúde sem relação institucional com o arquivo), onde as obras têm seus dados de fato salvos (Rocha, 2023a). Por esse motivo, é impreciso, do ponto de vista técnico, tratar como *repositorios* a maioria dos arquivos de literatura digital; apenas o são aqueles que detêm a custódia das obras arquivadas, geralmente salvas no mesmo servidor que o arquivo digital em si. No caso de arquivos que apenas contêm links que remetem a obras armazenadas alhures, sem de fato deter a custódia dos dados da obra, trata-se de *referatórios* (Hart, 2004).

Entre as variadas funções que um arquivo de literatura digital pode assumir, Rocha (2023b) destaca a preservação de obras desse campo, o qual está constantemente ameaçado pela obsolescência programada dos hardwares e softwares para os quais as obras foram desenvolvidas. Afinal, muito embora a história da literatura digital seja relativamente recente, o que em tese facilitaria qualquer projeto arquivístico, sua “vida útil” é demasiado curta, dado que o inaccessibilidade a essas obras é sempre um risco iminente, pautado pelos ciclos acelerados de desenvolvimento e descontinuidade do tecnocapitalismo.

Há que se destacar, no entanto, que “a efemeridade, mais do que um problema, é uma característica da literatura digital” (Rocha, 2023b: n.p.), já que suas obras são, majoritariamente, interativas, performáticas, dinâmicas e executadas em tempo real durante a leitura, o que torna suas fronteiras ontológicas instáveis. Por esse motivo, um arquivo de literatura digital deve ser um *archivo blando* (ou arquivo flexível) (Kozak, 2012), ou mesmo um *anarquivo* (Rocha, 2021), permanentemente sujeito à revisão e ao redesenho, justamente para dar conta da materialidade dinâmica dos produtos digitais, sempre sujeitos a atualizações, descontinuidades ou conversões para outros formatos, sob pena de se tornar ele também obsoleto.

Por fim, é preciso considerar que os primeiros (e até hoje mais difundidos) arquivos de literatura digital surgiram no Norte global entre o final dos anos 90 e o início dos anos 2000, com destaque para iniciativas na América do Norte (a *Electronic Literature Collection*, organizada pela ELO), na Europa como continente (a *Anthology of European Electronic Literature*, da ELMCIP – *Electronic Literature as a Model of Creativity and Innovation in Practice*) ou em países europeus específicos, como Portugal (o *Arquivo Digital da Po.EX* – Poesia Experimental Portuguesa) ou França (o website do ALAMO –

*Atelier de Littérature Assistée par la Mathématique et les Ordinateurs*, um desdobramento digital do grupo Oulipo). Sobre esses arquivos, há já um número significativo de estudos, muitas vezes congregados em bases de dados dessas próprias organizações, como a *ELMCIP Knowledge Base* e o *Electronic Literature Directory*, bem como em periódicos editados por membros das mesmas comunidades, a exemplo da *Electronic Book Review*, ou da extinta revista francesa *Alire*.

Na contramão dessa tendência, os arquivos de literatura digital do Sul global permanecem em larga medida invisíveis, provavelmente por razões que incluem o fato de serem mais recentes, disporem de limitados recursos para ações de divulgação e ocuparem uma posição periférica no sistema acadêmico e artístico global da literatura digital. Por esses motivos, pesquisadores e criadores do Sul global frequentemente acabam voltando seus esforços para os arquivos de maior prestígio, seja estudando-os, seja submetendo obras para integrarem tais acervos. Todos esses fatores são indissociáveis da colonialidade em que se assentam o eurocentrismo e o norte-americano-centrismo epistêmico que afetam tantos outros sistemas literários no mundo.

Diante desse contexto e frente à urgência de estudos acerca dos arquivos de literatura digital do Sul global, o presente artigo apresenta, nas próximas seções, uma proposta de tipologia de arquivos de literatura digital a partir de um mapeamento dos principais projetos desse tipo desenvolvidos nos últimos 30 anos na América Latina, África e Sul da Ásia, conforme corpus descrito em detalhes na seção Metodologia.

### **Metodologia**

Do ponto de vista epistemológico, no que diz respeito a uma postura ética e lógica quanto às possibilidades de construção de conhecimento por meio da pesquisa em arquivos de literatura digital neste projeto, alinhamo-nos com as diretrizes para a pesquisa em arquivos literários descritas por Reinaldo Marques (2007). Segundo o autor, arquivos literários devem ser abordados sempre de uma perspectiva comparatista e transdisciplinar.

Comparatista, porquanto cada arquivo, em cada tempo e lugar, privado ou institucional, comporta uma história e uma configuração particulares, irreduzíveis a uma história totalizante. Transdisciplinar, uma vez que, em sua constituição heteróclita, os arquivos literários mobilizam [...] diversos saberes e ofícios: da arquivística e ciências da informação, da museografia e cenografia, da informática e performática, da física e química, da história e sociologia, a par dos saberes atinentes ao campo próprio dos estudos literários: teoria, crítica, história e comparatismo literários (Marques, 2007: 21).

Sob tal paradigma, procedemos inicialmente a um levantamento exploratório de arquivos de literatura digital do Sul global, partindo dos mais conhecidos pelos membros das já mencionadas comunidades acadêmicas Red Lit(e)Lat e ELO, das quais o autor deste artigo é membro ativo. Na sequência, passamos à busca de arquivos de literatura digital do Sul global em bases de dados relevantes para a área, como as também já mencionadas *ELMCIP Knowledge Base* e do *Electronic Literature Directory*. Logo depois, a varredura se deu em periódicos voltados para o tema, como as revistas *Texto Digital*, *Bee-Hive (Hypertext Hypermedia Journal)* e *Electronic Book Review*. Apesar de se tratar de um escopo limitado, que muito provavelmente tenha deixado de fora arquivos mencionados em outras publicações ou bases de dados, isto não compromete a tipologia descrita na próxima seção, a qual pode vir a ser expandida no caso de descoberta de outros arquivos que não se encaixem no modelo proposto. Ademais, reconhecemos que algumas das bases de dados em que as informações foram buscadas pertencem a instituições do Norte global, o que pode ter afetado a disponibilidade de dados sobre arquivos do Sul global, já mais escassos pela conhecida colonialidade do saber na área.

Para o levantamento de dados, utilizamos nos motores de busca das plataformas os termos “literatura digital” e “literatura eletrônica”, posto que designam o campo de estudos; “arquivos”, “acervos” e “bases de dados”, como hiperônimos do recorte dado neste trabalho; e “Sul global”, “América Latina”, “África”, “Oriente Médio”, “Sul Asiático” e “Sudeste Asiático”, como regiões geográficas condizentes com o escopo da presente pesquisa. Os termos foram traduzidos e buscados nas línguas em que o pesquisador tem proficiência para tratamento dos dados: português, inglês, espanhol e francês.

Dada a vastidão e heterogeneidade dos resultados encontrados, optou-se por circunscrever o corpus da pesquisa exclusivamente a arquivos de literatura digital que atendam simultaneamente a todos os seguintes critérios de inclusão: 1. Que tenham sido desenvolvidos por comunidades de países do Sul global; 2. Que estejam disponíveis online, seja em versão final, seja em versão preliminar; 3. Que tenham sua interface em português, inglês, espanhol ou francês, línguas em que o pesquisador responsável por este estudo tem leitura proficiente; 4. Que definam explicitamente o escopo de seu material arquivado (ou de parte dele) como literatura digital ou eletrônica, e não como arte digital, web arte etc. O Quadro 1 apresenta todos os critérios de inclusão, bem como uma breve descrição das características dos arquivos excluídos e alguns exemplos concretos que foram excluídos do corpus consoante tais critérios.

Critério de inclusão de arquivos no <i>corpus</i>	Características de arquivos excluídos do <i>corpus</i>	Exemplos concretos de arquivos excluídos do <i>corpus</i>
Arquivos desenvolvidos no Sul global	Arquivos desenvolvidos no Norte global	Os arquivos norte-americanos da <i>Electronic Literature Collection</i> ; e os europeus da <i>ELMCIP Knowledge Base</i> e do <i>Arquivo Digital da Po.Ex.</i>
Arquivos disponíveis gratuitamente e online, seja em versão final, seja em versão preliminar	Arquivos ainda não publicados ou disponíveis apenas em mídia física (CDs, disquetes, DVDs)	O CD <i>Poesia Digital: Teoria, História Antologia</i> , encartado em livro homônimo (Antonio, 2010); a <i>Antología Lit(e)Lat – V.2</i> , com lançamento previsto para o segundo semestre de 2025; e a <i>Migrant Cartography of Latin American Electronic Literature</i> , ainda sem previsão de data para lançamento.
Arquivos com interface em português, inglês, espanhol ou francês	Arquivos com interface em outros idiomas	<i>Библиотека Интерактивной Литературы (ILA)</i> e <i>Киберартыра</i> , com interfaces em russo.
Arquivos que façam referência ao material arquivado (ou parte dele) como literatura digital ou literatura eletrônica	Arquivos que façam referência ao material arquivado como arte digital, web arte, poesia sonora etc.	<i>Web Arte no Brasil</i> , que se detém sobre web arte; e <i>Poética Sonora MX</i> , que se dedica à poesia sonora

Quadro 1. Critérios de inclusão no *corpus*. Fonte: Elaboração do autor

Totalizam 23 os arquivos de literatura digital que foram encontrados e atendem aos critérios de inclusão no *corpus*. Os arquivos são sistematizados em ordem alfabética no Quadro 2, no qual também se encontram os nomes dos organizadores, o escopo do material arquivado, e a classificação do arquivo dentro da tipologia proposta neste artigo. Tal categorização considerou um conjunto de características observáveis nas interfaces dos arquivos e nos paratextos que acompanham as obras arquivadas, tais como: critérios para seleção de obras (valor intrínseco, representatividade, pertinência ao escopo do artigo etc.); finalidade principal do arquivo (inventariação, canonização, divulgação, preservação, comercialização etc.); público-alvo (pesquisadores, leitores em geral, crianças etc.); modalidades de acesso (aberto ou via assinatura); recursos de navegação e pesquisa (hiperlinks entre páginas, rolagem vertical, pesquisa por palavra-chave etc.).

Arquivo	Organizadores	Escopo	Tipo de arquivo
<a href="#"><i>Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense</i></a>	Vinícius Carvalho Pereira	Literatura digital de Mato Grosso (Brasil)	Mapeamento
<a href="#"><i>Acervo LIJ Digital</i></a>	Douglas Menegazzi e Alice Atsuko Matsuda	Literatura digital infantil e juvenil produzida pelo grupo brasileiro LIJ Digital	Portfólio
<a href="#"><i>Antología Lit(e)Lat – V.1</i></a>	Leonardo Flores, Claudia Kozak e Rodolfo Mata	Literatura digital latino-americana e caribenha	Antologia
<a href="#"><i>Arabic Electronic Literature</i></a>	Reham Hosny e Charles Baldwin	Literatura digital árabe	Listagem
<a href="#"><i>Artéria 8</i></a>	Omar Khouri e Fábio Oliveira Nunes	Poesia digital brasileira	Revista
<a href="#"><i>Atlas da Literatura Digital Brasileira</i></a>	Rejane Cristina Rocha	Literatura digital brasileira	Mapeamento
<a href="#"><i>Brazilian Digital Art and Poetry on the Web</i></a>	Jorge Luiz Antônio	Arte digital e literatura digital brasileiras	Listagem
<a href="#"><i>Brokenenglish.lol</i></a>	David Martinez, Pierre Herrera e Canek Zapata	Literatura digital, artes visuais digitais, bots e memes	Portfólio
<a href="#"><i>Cartografía de la Literatura Digital Latinoamericana</i></a>	Carolina Zuñiga e Carolina Gainza	Literatura digital hispano-americana	Mapeamento
<a href="#"><i>E-Literatura</i></a>	Mónica Nepote	Literatura digital produzida pelo Centro de Cultura Digital do México	Portfólio
<a href="#"><i>Excavating E-lit</i></a>	Coletivo dra.ft	Literatura digital indiana e textos acadêmicos escritos e orais sobre o tema	Mapeamento
<a href="#"><i>freeFall future.text</i></a>	Coletivo dra.ft	Literatura digital produzida pelo grupo indiano dra.ft	Portfólio
<a href="#"><i>Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana</i></a>	Michael Hurtado	Literatura digital peruana em mídia obsoleta transcodificada para formatos atuais	Mapeamento
<a href="#"><i>Hiperpoesía</i></a>	Conde de Lince	Literatura digital e memética de países hispano-americanos para o Instagram	Antologia
<a href="#"><i>Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1</i></a>	Nirmala Menon, Shanmugapriya T,	Literatura digital indiana	Portfólio

	Justy Joseph, Deborah Sutton		
<a href="#"><i>Jangada Virtual</i></a>	Ana Carolina Coelho	Literatura digital e narrativas audiovisuais produzidas em projetos de ensino, pesquisa e extensão da UNIRIO	Mapeamento
<a href="#"><i>Multilingual African Electronic Literature Database &amp; African Diasporic Electronic Literature Database</i></a>	Yohanna Waliya	Literatura digital africana	Mapeamento
<a href="#"><i>Repertorio de Literatura Digital Colombiana</i></a>	Diego Vélez	Literatura digital colombiana	Revista
<a href="#"><i>Sociedade Lunar – Literatura Expandida</i></a>	Belén Gache	Literatura digital e expandida produzida por Belén Gache	Revista
<a href="#"><i>StoryMax</i></a>	Samira Almeida e Fernando Tangi	Literatura digital infantil e juvenil produzida pela editora Storymax	Portfólio
<a href="#"><i>StoryWeaver</i></a>	Pratham	Ebooks de literatura infantil, incluindo alguns recursos de literatura digital	Portfólio
<a href="#"><i>TecTeca</i></a>	Cassia Furtado	Literatura digital infantil brasileira	Plataforma de streaming
<a href="#"><i>Texton</i></a>	Renata Amâncio, Arthur Dias, Nélio Silzantov	Literatura digital brasileira para o Instagram	Plataforma de streaming

Quadro 2. *Corpus* submetido à análise para proposta de tipologia de arquivos de literatura digital do Sul global. Fonte: Elaboração do autor

As características de cada tipo de arquivo e as justificativas para classificação de cada arquivo do corpus são detalhadas na seção a seguir, que contém a principal contribuição deste artigo à comunidade acadêmica de literatura digital.

### Uma proposta de tipologia para arquivos de literatura digital do Sul global

A proposta ora apresentada aprofunda considerações feitas em publicações prévias de minha autoria sobre o tema (Pereira, 2021; 2022), nas quais diferenciava antologias e o que chamei de “repositórios”. Revisito e retifico tal

classificação no presente artigo, em nova etapa da pesquisa, haja vista que a diferença entre repositórios e referatórios não diz respeito ao tipo de arquivo, e sim a se o arquivo detém a custódia da obra (isto é, seu arquivo-fonte e conteúdos incorporados em uma cópia local), ou se apenas armazena metadados sobre ela (Hart, 2004).

Reverendo a tipologia e a nomenclatura que propus nas publicações prévias, minha proposta tipológica atual é que, a depender dos critérios para seleção de obras, da finalidade do arquivo, do seu público-alvo, das modalidades de acesso e dos recursos de navegação e pesquisa disponíveis, os arquivos de literatura digital do Sul global se instanciam como: 1. *antologias*, 2. *mapeamentos*, 3. *listagens* (ou, num caso especial, 3.1 *portfólios*), 4. *revistas*, ou 5. *plataformas de streaming*. Cumpre ressaltar, todavia, que esta proposta tipológica nem sempre corresponde à nomenclatura usada pelos organizadores/editores dos arquivos de literatura digital, que parecem usar de modo intercambiável termos como “acervo”, “antologia”, “atlas”, “cartografia”, “genealogia”, “base de dados”, “repertório” etc., nem sempre com um rigor conceitual que os distinga. Em comum, todas essas palavras designam formas de organização e sistematização de dados, geralmente com fins de consulta, preservação, estudo ou representação, no que não se distanciam de instanciações digitais para o que Marques (2015) pensara sobre os arquivos literários em geral.

A seguir, apresento cada um desses tipos de arquivo, salientando elementos que os distinguem dos demais e comentando exemplos para cada um deles.

### 1. Antologias

Sem referência específica à literatura digital, Carlos Ceia define antologia como uma “coleção de textos (com ou sem comentário) seleccionados segundo determinados critérios e representativos de uma literatura ou do conjunto da obra de um autor” (Ceia, 2009: n.p.). Tal conceptualização pode ser aplicada com relativa facilidade às antologias de literatura digital apesar das especificidades que a linguagem dos novos meios (Manovich, 2001) impõe às formas de circulação e leitura.

Como pontuado por Ceia (2009), os critérios e procedimentos de seleção de obras estão no cerne das propostas de quaisquer antologias, de literatura impressa ou digital, haja vista a adoção de “critérios valorativos, justificando-se a inclusão com base em decisões tomadas pelos editores quanto à qualidade artística do texto, sua prototipicidade frente ao gênero, sua representatividade para determinado recorte geográfico, temporal ou autoral etc.” (Pereira, 2021: 227). Do *corpus* descrito no Quadro 2, podem ser tipificadas como antologias de literatura digital do Sul global a *Antología Lit(e)Lat – V.1*, e a *Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1*.

Ambos os projetos indicam, em suas interfaces, que se trata de uma seleção de textos a partir de critérios explícitos, com objetivos delineados por seus organizadores – ou, nos termos de Derrida (2001), arcontes que tomam decisões nomológicas sobre o material a ser arquivado. No caso da *Antología Lit(e)Lat – V.1*, por exemplo, consta no texto “Acerca de”, que o volume “se ha propuesto como un espacio de recuperación y visibilización de un corpus significativo de piezas de literatura electrónica producidas desde (o en relación con) Latinoamérica y el Caribe” (Flores; Kozak; Mata, 2020: n.p.), o que define os objetivos do projeto dentro do que Marques (2015) entende como algumas das funções mais comuns para arquivos literários em geral. Por sua vez, os critérios de seleção adotados pelos organizadores são descritos em termos do escopo territorial continental (não sem desafios haja vista os deslocamentos e migrações de autores no continente), bem como uma tentativa de “capturar la historia del campo al incorporar obras pioneras y recientes” e “reflejar la trayectoria de artistas con mayor presencia” (Flores; Kozak; Mata, 2020: n.p.), justificando as decisões de inclusão e exclusão de obras na publicação por questões de nacionalidade de autores, representatividade das obras como pioneiras ou recentes e suposta relevância de alguns autores mais presentes.

Além disso, outra marca típica das antologias de literatura digital é que elas mantêm “claras relações com protocolos editoriais da cultura literária, tanto em cada um dos textos nela contidos (frequentemente apresentados por paratextos curatoriais), quanto na arquitetura geral do arquivo (que opera como uma publicação de textos e excertos reunidos)” (Pereira, 2021: 227). Algumas apresentam, inclusive, indexação por ISBN, paratextos típicos de livros impresso e lançam mão de um léxico comum ao mercado editorial, como referir-se aos organizadores como “editores”. Ainda no texto de “Acerca de”, a *Antología Lit(e)Lat – V.1* designa Leonardo Flores, Claudia Kozak e Rodolfo Mata como membros do “Comité editorial”, além de apresentar uma ficha catalográfica para o volume.

Outra ressonância da cultura literária impressa que se observa em antologias de literatura digital é a organização em volumes, como na *Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1* e na *Antología Lit(e)Lat – V.1*, a qual muito em breve será acompanhada do volume 2, cuja publicação já foi anunciada como prevista para o segundo semestre de 2025. No caso de antologias impressas, é natural que

a inclusão/exclusão de obras depend[am], além de critérios referentes à fatura estética dos textos arquivados, também [de] contingências do processo editorial: a quantidade máxima de obras que podem ser incluídas naquela edição, o prazo para publicação, as agendas de editores ou patrocinadores, as autorizações pelos autores etc.” (Pereira, 2021: 227)

Curiosamente, mesmo no caso das antologias apresentadas como páginas web, que supostamente podem ser editadas ou atualizadas a qualquer momento, tais arquivos ainda são publicados como unidades fechadas, com uma delimitação precisa das obras incluídas em cada volume. (Pereira, 2021).

Sobre os protocolos editoriais, chama atenção também o fato de que a *Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1* tenha sido editada como um e-book, com ISBN, em formatos .pdf, .epub e .mobi, como se observa na Figura 1. Tal constituição, que faz da antologia uma matéria organizada (Débray, 1993) aos moldes do impresso, não encontra paralelo em outros arquivos de literatura digital do Sul global, posto que os demais existem como páginas web, perfis em redes sociais ou plataformas comerciais específicas. Cada obra consta dessa antologia como um capítulo do *e-book*, seja como textos e imagens estáticas fixadas no arquivo, seja como *QR codes* que remetem o leitor para obras dinâmicas disponíveis em outros espaços online.

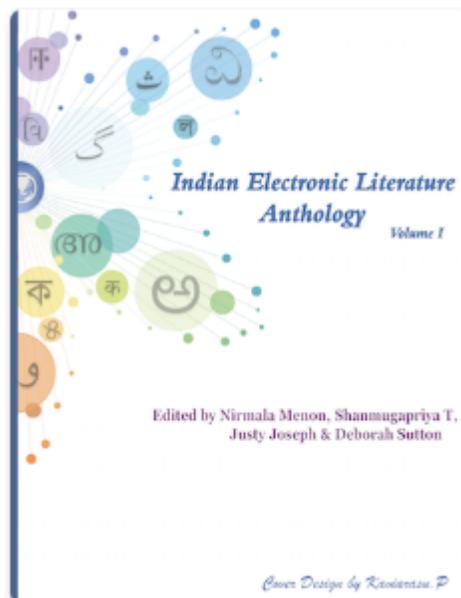


Figura 1. Menon; Shanmugapriya T; Joseph; Sutton *Indian Electronic Literature Anthology – Volume 1*, 2023.

As antologias de literatura digital têm também como característica um número limitado de metadados para cada obra arquivada (em geral, título, autoria, ano, gênero, país do autor e algum grau de descrição da obra), sendo mais orientadas para uma apresentação de obras aos leitores – tais como nas antologias de literatura impressa. Um volume muito grande de metadados acompanhando cada obra reduziria a legibilidade do arquivo pelo público que não atuasse profissionalmente no campo.

## 2. Mapeamentos

Num movimento análogo ao de Deleuze e Guattari (1995), que pensam o mapa para muito além da Geografia e da representação de territórios, retomamos a ideia do mapeamento enquanto uma metáfora para conceituar os arquivos de literatura digital que têm por objetivo um levantamento amplo de obras do campo. Tal como descrito pelos pós-estruturalistas franceses,

[o mapa] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (Deleuze e Guattari, 1995: 22).

Tal descrição vai ao encontro dos mapeamentos de literatura digital ora descritos, posto que consistem em arquivos sempre “abertos” para inclusão de novas obras – no que diferem diametralmente das antologias enquanto inventários fechados. Além disso, tais levantamentos em geral visam

ao mapeamento, ao armazenamento e à catalogação de obras conforme padrões de bancos de dados, sem explicitamente adotarem pretensões de valoração crítica dos textos. Muito embora a isenção crítica seja um dos princípios norteadores de tais projetos e o principal critério de distinção entre antologias e [mapeamentos]<sup>4</sup> (conforme a proposta classificatória aqui colocada), claro está que arquivo algum pode ser de fato meramente descritivo, já que a inclusão ou exclusão de qualquer elemento é, mesmo que de modo velado, ou não intencional, sempre uma tomada de posição com consequências prescritivas, seja em termos de apreciação crítica, seja em termos da delimitação do escopo do arquivo. O mal de arquivo que Jacques Derrida (2001) associa à atuação de qualquer arconte, fiel depositário do arquivo e responsável não só por sua organização, mas também por sua interpretação, certamente acomete também os repositórios digitais que se querem isentos de juízos de valor. (Pereira,

<sup>4</sup> Nomenclatura atualizada na citação em consonância com a proposta tipológica do presente artigo.

2021: 227)

Pela permanente abertura à inclusão de novas obras e a suposta isenção de juízos críticos quanto à qualidade do material arquivado, os mapeamentos tendem a coligir um número muito maior de obras, ao passo que as antologias têm, via de regra, proporções bem menores. No *corpus* analisado nesta pesquisa, podem ser considerados como mapeamentos os arquivos *Acervo de Literatura Digital Mato-Grossense*, o *Atlas da Literatura Digital Brasileira*, a *Cartografía de la Literatura Digital Latinoamericana*, o *Excavating E-Lit*, a *Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana*, a *Multilingual African Electronic Literature Database & African Diasporic Electronic Literature Database* e o *Repertorio de Literatura Digital Colombiana*. Alguns deles já constam, na atualidade, com centenas de obras – número que tende a seguir crescendo, enquanto os projetos permanecerem ativos, dado o recrudescimento do campo da literatura digital em países do Sul global.

Geralmente, os mapeamentos são *dispositivos* cujo design visa a *disposições* (Rocha; Salgado, 2024) mais apropriadas para pesquisadores do que para leitores de literatura digital. Seus mecanismos para navegação, recuperação de informação e buscas facetadas ou por palavras-chave são mais complexos e oferecerem uma visão estruturada e interativa do campo, permitindo identificar padrões, relações e tendências entre diferentes obras, autores e gêneros. Alguns mapeamentos oferecem, inclusive, recursos de visualização de dados condizentes com as propostas de Franco Moretti (2007) para análise de campos literários com base em gráficos, árvores e mapas.

Por exemplo, como se vê na Figura 2, o *Repertorio de Literatura Digital Colombiana* permite ao leitor a navegação em 7 linhas do tempo organizadas por mês e ano, uma para cada gênero de literatura digital definido pelos organizadores do arquivo.



Figura 2. Vélez, Diego. Navegação em linhas do tempo no *Repertorio de Literatura Digital Colombiana*, 2024.





Em comum a quase todos os projetos de mapeamento descritos nesta subseção, pode-se observar que o gesto de levantamento, sistematização e arquivamento das obras é metaforizado por coordenadas espaciais (como em “atlas”, “cartografia”), arqueológicas (como em “genealogia”, “excavating”, ou “acervo” – do latim *acervus*, monte ou pilha de objetos), ou relacionais (como em “repertório” ou “base de dados”). O termo “mapeamento” é aqui adotado, pois, para designar mais amplamente tanto o processo de levantamento e arquivamento de obras quanto o produto dessa empreitada.

### 3. Listagens

Antologias e mapeamentos pressupõem um relativo grau de maturação das comunidades de literatura digital envolvidas, posto que, nos termos de Débray (1993), tais arquivos são *matérias organizadas* (enquanto dispositivos arquivísticos, computacionais e literários) por e para *organizações materializadas* (instituições, redes ou grupos de pesquisa dedicados ao tema). Por suas demandas de financiamento, trabalho de curadoria e infraestrutura técnica, são, em geral, projetos de maior fôlego, levados adiante por grupos de pesquisadores, professores e/ou artistas que consigam aliá-los à sua prática profissional, posto que consomem significativos tempo e energia dos envolvidos.

Por outro lado, nos estágios iniciais de formação do campo da literatura digital em determinadas comunidades do Sul global, pode-se identificar um outro tipo de arquivo (ou protoarquivo, dadas as suas limitações): as listagens. Estas consistem em compilações de links para obras ou autores, acompanhadas de metadados mínimos para sua identificação, mas sem mediação curatorial mais extensa, haja vista não apresentarem paratextos curatoriais com descrições das obras ou outras informações que auxiliem na sua interpretação e contextualização dentro do campo da literatura digital. Algumas dessas listagens podem dar origem, anos depois, a antologias ou mapeamentos, caso mais recursos fiquem disponíveis para os organizadores.

Na maioria das listagens, os links para obras ou autores e seus poucos metadados são apresentados sucessivamente em uma página única, a ser percorrida por rolagem vertical, em ordem alfabética pelos nomes dos autores ou pelos títulos das obras. Tal organização das informações na interface é condizente com a inexistência de metadados de gênero, nacionalidade, ano de publicação etc., que, nos casos de antologias e mapeamentos, permitem diferentes agrupamentos e formas de navegação. Em geral, listagens tampouco dispõem de filtros de busca, taxonomias ou procedimentos arquivísticos mais sistemáticos, limitando-se à hipervinculação de material *heterocrônico* e *heterotópico* – isto é, de diferentes tempos e espaços –, mas sem maior articulação curatorial.

No contexto brasileiro, merece destaque a listagem *Brazilian Digital Art and Poetry on the Web*, compilada por Jorge Luiz Antonio a partir de 2001. Conforme registros na *Wayback Machine*, em 26 de janeiro de 2001 essa listagem exibia à época 32 links para páginas externas, as quais continham obras de literatura digital ou arte digital, bem como informações de grupos de pesquisa ou programas de pós-graduação com atividades relacionadas ao tema. Em 03 de novembro de 2011, última data de atualização do site conforme dados colhidos na ferramenta [httpstatus.io](http://httpstatus.io), a listagem continha 224 links. Seja na versão do site de 2001, seja na de 2011, a maior parte dos links arrolados em *Brazilian Digital Art and Poetry on the Web* estão atualmente corrompidos ou levam a domínios adquiridos por outros projetos e instituições, um risco iminente para quaisquer referatórios, que se soma aos de obsolescência de hardware e software comuns a todos os arquivos digitais.

Em termo de listagens mais recentes, há a iniciativa da pesquisadora egípcia Reham Hosny, que vem documentando no blog da comunidade *AEL – Arabic E-lit* um levantamento da literatura digital árabe, com vistas a contrapor-se à invisibilidade desse sistema no Ocidente (Hosny, 2018). Entre outros conteúdos, o blog exhibe na aba *ELMCIP Records* uma espécie de protoarquivo de literatura digital árabe: uma listagem de links para entradas que a pesquisadora criou na base de dados europeia ELMCIP. Cada uma dessas entradas contém o nome completo e a nacionalidade de alguma figura relacionada à literatura digital nos países árabes; em alguns casos, são exibidos também links para páginas profissionais dessas pessoas, ou seus currículos, mas não para obras de literatura digital.

O gesto de arquivar em um blog do Sul global links para entradas sobre autores de literatura digital árabe em uma base de dados do Norte global pode ser lido como uma iniciativa de um campo ainda em seus primeiros estágios. Na ausência de um arquivo inteiramente desenhado e implementado pela comunidade árabe de literatura digital, a AEL parece recorrer a um expediente exequível dentro dos recursos disponíveis aos seus pesquisadores para realizar um levantamento de obras e autores relevantes para sua região. Trata-se, pois, de um movimento com potencial para, progressivamente, desenvolver uma abordagem decolonial para sua literatura digital, um gesto importante para as comunidades do Sul global, conforme defendido por Claudia Kozak (2021).

### 3.1 Portfólios

Como um subtipo especial dentro do escopo das listagens, há aquelas que, diferentes das mencionadas no item anterior, elencam obras de literatura digital apenas de autoria dos próprios organizadores do rol (ou de coletivos ou empresas a que pertençam esses mesmos organizadores). Nesses casos,

optamos por falar de *portfólios*, uma vez que tais protoarquivos, além da reunião e divulgação de obras, têm por finalidade a comprovação de competências, experiências e produções dos organizadores da listagem – fito estranho aos objetivos dos arquivos literários descritos por Marques (2015). Sem sombra de dúvidas, trata-se dos protoarquivos mais comuns no campo, visto que qualquer site de um artista ou coletivo de artistas pode conter um portfólio seu.

Diferentes dos demais tipos de arquivos identificados até agora, os portfólios são os que mais propriamente se encaixam na definição técnica de repositórios, e não de referatórios (Hart, 2004), posto que amiúde se trata de espaços onde, de fato, as obras estão depositadas. Portfólios na web costumam seguir, pois, um paradigma arquivístico custodial, na medida em que as obras arquivadas e o site em que elas estão listadas e acessíveis ao público em geral se encontram no mesmo servidor. No Sul global, isso frequentemente implica que os artistas contratem tais serviços com recursos pessoais, haja vista a precariedade de políticas públicas e a relativa incipiência do mercado editorial nesse segmento.

Como são inúmeros os artistas do Sul global que têm suas obras arquivadas em portfólios mantidos por eles próprios, optamos por incluir no corpus listado no Quadro 2 apenas aqueles que contemplam obras de coletivos ou instituições e aqueles que estão associados a editoras ou publicadoras (terminologia mais comum no mercado de aplicativos), formalizando seus portfólios como catálogos para downloads gratuitos ou pagos. Nesses casos, funcionam como arquivos os portfólios de editoras como *Brokenenglish.lol* e *Sociedad Lunar – Literatura Expandida*, ou da publicadora *StoryMax*, ainda que seu design seja determinado precipuamente pelas dinâmicas de e-commerce, como a integração com lojas de apps, marketplaces e plataformas para pagamento seguro.

Quanto a portfólios de coletivos de artistas ou de instituições culturais ou educacionais, sem comercialização de títulos, integram o *corpus* cuja análise gerou esta tipologia o arquivo E-Literatura, com obras desenvolvidas em mais de dez anos de atividade no Centro de Cultura Digital do México; o *freeFall future.text*, organizado pelo coletivo indiano dra.ft; a *Jangada Virtual*, com obras de literatura digital e narrativas audiovisuais desenvolvidas em projetos de ensino, pesquisa e extensão da UNIRIO; e o *Acervo LIJ Digital*, com obras de literatura digital infantil e juvenil criadas pelo grupo de pesquisa Literatura e Design de Artefatos para Crianças e Jovens no Mundo Digital.

#### 4. Revistas

Outra forma de arquivo de literatura digital que surge com a progressiva estruturação do campo são as revistas especializadas. O trabalho de publicação de chamadas, avaliação de submissões, preparo de originais e da versão final exige um conjunto de profissionais dedicados a essas atividades e um universo potencial de leitores que se interessem pelo tema e justifiquem a empreitada.

Periódicos acadêmicos dedicados ao tema (ou que ocasionalmente publicam volumes com essa temática) são mantidos por instituições como universidades e centros de pesquisa, coligindo publicações de artigos, resenhas, entrevistas etc. sobre literatura digital. No entanto, como se trata de *reuniões de textos críticos e científicos* sobre literatura digital, mas não de obras de literatura digital em si, tais publicações, como a 404, do Centro de Cultura Digital do México, e a brasileira *Texto Digital*, editada pela Universidade Federal de Santa Catarina, não integram o *corpus* deste trabalho.

Aqui tratamos de publicações que periodicamente crescem a seu arquivo obras de literatura digital em uma ou mais edições, ainda que os conceitos de “periodicidade” e “edição” só parcialmente se apliquem a cada caso, dadas as especificidades da mídia digital e de cada projeto editorial. Na maior parte das vezes, são revistas especializadas em poesia digital, envolvendo recursos como memes, gifs, hipermídia interativa, vídeos etc. Pelo enfoque em formas poéticas que fazem vacilar a própria definição de poesia, tais publicações podem ser entendidas como um desdobramento das revistas de poesia experimental e de vanguarda do século XX, inserindo-se em séries literárias do Alto Modernismo (Pressman, 2014).

No contexto brasileiro, uma das revistas de poesia experimental e visual que há mais tempo continua ativa é a *Artéria*, criada por Omar Khouri e Paulo Miranda em 1974 e desde então publicada pela editora Nomuque, também por eles fundada. Experimentando com diferentes materialidades a cada edição, *Artéria* já veio a público como caderno, encarte, sacola com poemas soltos, caixa de fósforos, fita cassete e, no que mais interessa a esta pesquisa, como website (no caso do número oito). Essa edição, lançada em 2003, foi inteiramente composta por obras de poesia digital, muito embora a *Artéria*, ao longo da sua história, tenha publicado experimentações poéticas visuais com diversas outras mídias. A oitava edição, organizada por Omar Khouri e Fábio Oliveira Nunes, arquiva 47 trabalhos de variados artistas, majoritariamente feitos em Adobe Flash – tal qual a própria interface da *Artéria 8*.

Devido à descontinuidade do *Adobe Flash* em 31 de dezembro de 2020, tal revista e suas obras arquivadas são hoje acessíveis apenas por meio de recursos como navegadores antigos, tais qual o *Pale Moon*, ou emuladores, a exemplo do *Ruffle*. Ao reconfigurarem recentemente o site da revista para

embutir esse emulador, seus organizadores explicitamente tratam a Artéria 8 como um *archivo blando* (Kozak, 2012), o qual foi adaptado para seguir acessível ao público, ainda que por meio de um outro software (o *Ruffle*) que imita o comportamento do ambiente original (o *Flash player*). A suposta autenticidade do material original – sempre questionável na mídia digital, já que o original e a cópia são idênticas sequências de dados – é flexibilizada aqui com vistas à acessibilidade do conteúdo arquivado.

Mais recentemente, têm surgido no Sul global iniciativas de revistas inteiramente voltadas para a literatura digital. Diferentes da *Artéria 8*, produzida e circulada num paradigma da web 1.0, em um website feito com HTML e Flash para telas de desktop ou laptop, a revista brasileira *Textou* e a peruana *Hiperpoesía* arquivam como postagens individuais no Instagram os textos que publicam, permitindo aos usuários as práticas de recepção típicas da web 2.0, como curtir, comentar e compartilhar, sobretudo em dispositivos móveis. A plataforma da Meta, nesse contexto, funciona ao mesmo tempo como infraestrutura arquivística, meio de difusão e materialidade de inscrição das obras, definindo, por meio de suas *affordances*, as contingências materiais do que podem ou não os artistas produzir para esse arquivo: limites de caracteres, dimensões das imagens, impossibilidade de links no feed etc.

Infelizmente, parece que ambas as revistas tiveram vida curta – realidade comum às revistas impressas de poesia experimental. A *Textou* esteve ativa apenas ao longo de 2020, datando sua última postagem de 30 de dezembro daquele ano. Já a *Hiperpoesía* apresenta textos arquivados em seu feed entre 8 de maio de 2023 e 26 de junho de 2024, período em que manteve também um grupo de WhatsApp com centenas de membros, por meio do qual fazia circular os links para as postagens em seu perfil no Instagram. Esta parece ser uma estratégia de divulgação ativa ainda sem igual em outros arquivos de literatura digital do Sul global.

## 5. Plataformas de *streaming* de livros

No bojo da popularização das plataformas de *streaming* para produtos culturais em diferentes mídias, como séries televisivas, filmes e músicas, o mercado editorial também vai se apropriando desse modelo de negócio e distribuição para o universo do livro e da literatura. Tal qual nos setores de áudio e vídeo, trata-se de conteúdos reproduzidos via Internet em tempo real, geralmente sem possibilidade de download (salvo em casos de subterfúgios técnicos), em plataformas que monetizam por meio de assinaturas ou de anúncios. Uma vez que coligem obras e uma série de metadados sobre elas, as plataformas de *streaming* de livros são consideradas um tipo específico de arquivo nesta proposta tipológica.

Embora em alguma medida se aproximem de portfólios, já que apresentam catálogos para o leitor, as plataformas de *streaming* de livros compõem uma categoria distinta de arquivo na tipologia proposta neste artigo, dada sua função distributiva e performativa, que vai muito além da abordagem curatorial e expositiva de portfólios. Ademais, diferentes destes últimos, as plataformas de *streaming* requerem login e senha para acesso, identificando o leitor na plataforma, o que permite desde a cobrança pelo serviço quanto a comercialização de seus dados (muitas vezes sem consentimento) e o uso deles para, por mediação algorítmica, gerar recomendações de leitura para as obras arquivadas. Sob tal perspectiva, os serviços de *streaming* comungam da mesma lógica de plataformização da cultura (Nieborg; Poell, 2018) cara à web 2.0.

De acordo com Furtado (2025), “*Streamings* de livros são serviços que oferecem uma biblioteca de livros digitais, transmitidos pela internet para consumo *online*, basicamente em formatos de e-book ou audiolivro, oferecidos em multiplataformas sociais, por meio de assinaturas”. Nesse modelo, os livros são serviços prestados pelas plataformas, e não bens comprados pelos leitores finais (no caso de assinaturas pessoais) ou pelas instituições (no caso de contratos de “bibliotecas virtuais” com estabelecimentos como escolas e universidades). Não há, nessas dinâmicas, transferência de posse daquilo que é consumido em tablets, celulares ou *e-readers* dedicados; as obras, na condição de dados digitais, são transmitidas para os dispositivos dos leitores apenas durante a sessão de leitura.

A grande maioria dessas plataformas não fazem parte dos objetos de estudo das comunidades de literatura digital, uma vez que oferecem apenas e-books no sentido mais tradicional do termo: arquivos em formatos como .epub, .mobi, .kf8 e .azw/.azw3, centrados em texto verbal acrescido a recursos básicos de redimensionamento de fonte, busca por palavras, marcação de trechos, navegação entre páginas internas etc. No entanto, algumas plataformas de *streaming* incluem no seu catálogo obras de literatura digital, e outras são inteiramente dedicadas a esse tipo de conteúdo.

No Sul global, as principais plataformas de *streaming* de livros que arquivam e oferecem como serviço<sup>5</sup> obras de literatura digital são voltadas ao público infantil, já acostumado à interação com dispositivos móveis para fins de entretenimento em jogos ou consumo de vídeos. A Organização Não-Governamental indiana Pratham, por exemplo, mantém a plataforma *StoryWeaver*, na qual disponibiliza gratuitamente milhares de títulos digitais de literatura infantil em inglês, tâmil, kannada, hindi, indonésio, punjabi, marata, lakota, francês, entre outras línguas. Como se trata de uma iniciativa

---

<sup>5</sup> A pesquisadora brasileira Cássia Furtado (2018) refere-se a esse paradigma como o de “literatura-serviço”, substituindo o paradigma custodial dos arquivos e bibliotecas tradicionais.

de uma ONG voltada à educação e sem fins lucrativos, a Pratham permite que os livros da *StoryWaver* sejam baixados gratuitamente em formatos .pdf ou .epub, embora essa seja uma prática incomum no mundo do streaming.

A grande maioria das obras em seu catálogo são livros ilustrados estáticos, nos quais o leitor só pode navegar por meio de setas para avançar ou retroceder uma página, o que não os enquadraria nas definições mais assentes de literatura digital, como a de Gainza (2020). Algumas das obras disponíveis nesse arquivo são, no entanto, enriquecidas com recursos multimodais típicos da literatura digital infantil, como funcionalidades de *readalong* (em que a plataforma “lê em voz alta” o livro, enquanto a criança acompanha as palavras lidas mudando de cor na tela), vídeos (que reproduzem sessões de leitura com *readalong*), ou imagens em formato .gif (que permitem leves animações nas ilustrações).

Como exemplo de plataforma de *streaming* exclusivamente dedicada à literatura digital, merece destaque a brasileira *TecTeca*, cujo catálogo também arquiva obras infantis, mas todas com ilustrações animadas e recurso de “narração” (equivalente ao *readalong* da *StoryWeaver*). Bem aos moldes da web 2.0, a *TecTeca* funciona como um aplicativo de dispositivos móveis que embute funcionalidades típicas de plataformas de redes sociais, como a possibilidade de deixar comentários às obras, atribuir notas a elas, adicionar outros usuários como amigos, acompanhar as leituras desses amigos, formar uma biblioteca própria, compor um perfil com informações do usuário e um avatar personalizável etc. Além disso, na condição de arquivo, a *TecTeca* apresenta para cada obra, além de metadados comuns a qualquer arquivo literário (autor, título e gênero literário), também aqueles distintivos da literatura digital, como ilustrador e fase de leitura (leitor brincante, iniciante ou pré-leitor).

Quanto ao modelo de negócio, trata-se uma proposta diferente de todos os demais arquivos discutidos até aqui, posto que o acesso à *TecTeca* é pago. Há uma versão gratuita, que permite ler uma única obra (*O piloto que parou no tempo*, escrita por Douglas Nogueira e ilustrada por Susana Rodrigues), a qual funciona como demonstração do serviço prestado pela empresa. As demais obras arquivadas só podem ser acessadas por meio de assinatura com cobrança mensal, havendo planos voltados para pessoas físicas e para parcerias com escolas e sistemas de ensino.

### Considerações finais

Neste artigo, tomamos como objeto de análise e discussão um elemento que tem assumido o papel de centro de gravidade em muitas comunidades de literatura digital: os arquivos literários. Partimos das considerações de Marques (2015) sobre arquivos literários mais tradicionais, rumo a uma circunscrição do conceito para o sistema específico da literatura digital, no

qual a mídia computacional e as dinâmicas da cultura digital impõem a esses *dispositivos* um conjunto particular de *disposições*.

Ademais, assumimos como basilar a ideia de que os arquivos de literatura digital se constituem como formas de *matéria organizada* que constroem vetores de sensibilidade não só para as obras arquivadas, mas também para as *organizações materializadas* nesses arquivos, sejam instituições de ensino, políticas públicas na área de cultura, coletivos de artista, grupos e projetos de pesquisa ou mesmo empresas. Assim, observamos também as diferentes funções que cada arquivo de literatura digital assume em seu campo, a exemplo da preservação, canonização, levantamento, sistematização, divulgação ou comercialização das obras.

Frente ao vasto universo da literatura digital, optamos nesta pesquisa por abordar exclusivamente os arquivos do Sul global, a fim de garantir uma mirada situada. Tal recorte é relevante para compreender como a literatura digital emerge e vai, por meio de arquivos literários digitais, se organizando progressivamente como sistema em países com realidades sociotécnicas típicas de nações em desenvolvimento. Trata-se, pois, de compreender como nações que partilham algumas das condições sociotécnicas encontradas no Brasil vêm interpretando, sistematizando e preservando literatura digital por meio de arquivos eletrônicos, constituindo uma possibilidade de memória de novas formas literárias de nossos tempos.

Com base nesses pressupostos, procedemos neste artigo à apresentação de uma proposta tipológica para os arquivos de literatura digital do Sul global, considerando características como os critérios para seleção de obras, a finalidade principal do arquivo, seu público-alvo, as modalidades de acesso, os recursos de navegação e pesquisa etc. Deste processo classificatório *bottom-up*, isto é, gerando as categorias tipológicas a partir das características comuns entre os arquivos do corpus analisado, chegamos a uma tipologia que contempla 1. *antologias*, 2. *mapeamentos*, 3. *listagens* (ou, num caso especial, 3.1 *portfólios*), 4. *revistas*, ou 5. *plataformas de streaming*. Não foram encontrados arquivos do Sul global que não se encaixassem nessa tipologia, mas a classificação pode ser revista e expandida se necessário, especialmente considerando a possibilidade de emergência de novos tipos mediante o desenvolvimento de novas tecnologias e técnicas arquivísticas em contexto digital. A aplicabilidade desta mesma tipologia a arquivos do Norte global é uma possibilidade de trabalho futuro, mas não cabia no escopo da presente pesquisa, orientada para as comunidades da América Latina, Oriente Médio, África, Sul e Sudeste Asiático.

Por fim, é preciso destacar que uma das funções principais dos arquivos literários – constituir uma memória da literatura de determinado tempo e bases para sua legibilidade em diferentes contextos de recepção – envolve um olhar para o passado que é indissociável de outro para o futuro. Isso

porque um arquivo literário não apenas registra certa história da literatura, senão também desenha um campo de possibilidades vindouras; ou, nas palavras de Derrida (2001: 30), “a chamada técnica arquivística não determina mais, e nunca o terá feito, o momento único do registro conservador, mas sim a instituição mesma do acontecimento arquivável”.

No contexto específico da literatura digital, os arquivos literários assumem função capital para a compreensão do campo, seja quanto ao seu passado, seja quanto ao seu futuro, na medida em que acabam por também delinear possibilidades futuras para o campo – o que pode ou não vir a ser entendido como literatura digital em determinado sistema. Tanto criadores e leitores de literatura digital de uma comunidade podem ter seus repertórios expandidos pelo contato com diferentes tipos de arquivos, quanto os próprios organizadores e editores de arquivos podem rever algumas de suas escolhas arquivísticas e editoriais ao observar projetos que concebam a literatura digital e seu arquivamento de outros modos conforme a tipologia aqui apresentada.

### Referências

- ANTÔNIO, JORGE LUIZ. *Poesia digital: teoria, história, antologias*. São Paulo: Navegar, 2010.
- CANDIDO, ANTÔNIO. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1961.
- CEIA, CARLOS. “Antologia”, *E-dicionário de termos literários*. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/antologia>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- DEBRAY, RÉGIS. *Curso de midiologia geral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DELEUZE, GILLES; FÉLIX GUATTARI. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, JACQUES. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FLORES, LEONARDO; CLAUDIA KOZAK; RODOLFO MATA (eds.) “Acerca de”. *Antología Lit(e)Lat Volumen 1*. Red de Literatura Electrónica Latinoamericana, 2020. Disponível em: <http://antologia.litelat.net>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- FUNKHOUSER, CHRISTOPHER. T. *New Directions in Digital Poetry*. New York:

- Continuum, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Prehistoric digital poetry: an archaeology of forms, 1959-1995*. Tuscaloosa: University of Alabama, 2007.
- FURTADO, CASSIA. “O livro na web e a oferta da literatura-serviço”. In: César Castro; Samuel Velázquez (Org). *História da escola: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura*. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2018.
- \_\_\_\_\_. Plataformas de streaming de livros. Em: Andrea Catrópa; Vinícius Carvalho Pereira; Rejane Rocha (Org.). *Glossário LITDIGBR – Literatura Digital Brasileira*. 2025. Disponível em: <https://glossariolitdigbr.com.br/plataformas-de-streaming-de-livros/>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- GAINZA, CAROLINA C. *Narrativas y poéticas digitales en América Latina. Producción literaria en el capitalismo informacional*. México: Cuarto Próprio, 2018.
- \_\_\_\_\_. “Nuevos escenarios literários: hacia una cartografía de la literatura digital latino-americana”. Gustavo Guerrero; Benjamin Loy; Gesine Müller. (eds.) *World Editors: Dynamics of Global Publishing and the Latin American Case Between the Archive and the Digital Age*. Berlim: De Gruyter, 2020. pp. 331-351.
- HART, JOSEPH. “Instructional Repositories and Referatories”. *Research Bulletin*, vol. 2004, núm. 5, mar. 2004.
- HAYLES, KATHERINE. *Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário*. São Paulo: Global, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Writing Machines*. Cambridge: MIT Press, 2002.
- HOSNY, REHAM. “Mapping Electronic Literature in the Arabic Context”. *Electronic Book Review*. 2018. Disponível em: <https://electronicbookreview.com/essay/mapping-electronic-literature-in-the-arabic-context/>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- HURTADO, MICHAEL; PAMELA MEDINA. Genealogía de la Poesía Electrónica Peruana. 2021. Disponível em: [https://michaelhurtado.github.io/mapa\\_poesia\\_peruana/](https://michaelhurtado.github.io/mapa_poesia_peruana/). Acesso em: 15 jun. 2025.
- JENKINS, HENRY. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JENSEN, KLAUS B. *Media Convergence: the Three Degrees of Network, Mass, and Interpersonal Communication*. New York: Routledge, 2010.
- KOZAK, CLAUDIA. “Experimental Electronic Literature from the Souths: A Political Contribution to Critical and Creative Digital Humanities”.

- Electronic Book Review*, 2021. Disponível em: <https://electronicbookreview.com/essay/experimental-electronic-literature-from-the-souths-a-political-contribution-to-critical-and-creative-digital-humanities/>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- \_\_\_\_\_. *Tecnopoéticas argentinas: Archivo blando de arte y tecnología*. Buenos Aires: Caja Negra, 2012.
- MANOVICH, LEV. *The Language of New Media*. Cambridge: MIT, 2001.
- MARQUES, REINALDO. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- \_\_\_\_\_. “O arquivo literário como figura epistemológica”. *Matraga*, vol. 14, núm. 21, pp. 13-23, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga21/arqs/matraga21a01.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- MENON, NIRMALA; T. SHANMUGAPRIYA; JUSTY JOSEPH; DEBORAH SUTTON. *Indian Electronic Literature Anthology: Volume 1*. Indore: Indian Institute of Technology KSHIP, 2023. Disponível em: <https://iitikship.iiti.ac.in/books/e/10.57004/book1>. Acesso em: 14 jun. 2025.
- MORETTI, FRANCO. *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for Literary History*. Londres; Nova York: Verso, 2007.
- NIEBORG, DAVID B.; THOMAS POELL. “The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity”. *New Media & Society*, vol. 20, núm. 11, 2018.
- PEREIRA, VINÍCIUS CARVALHO. “A poesia digital em arquivos online latino-americanos: convergências e divergências”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, vol. 24, pp.224 - 244, 2022. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/722>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- \_\_\_\_\_. “Recolher, escolher, acolher em um arquivo literário digital: o projeto da *Electronic Literature Collection* como coletânea e coleção”. *Fragmentum*, vol. 57, pp. 215-237, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/61944/pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- PRESSMAN, JESSICA. *Digital Modernism: Making it New in New Media*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- REITBERG, SCOTT. *Electronic Literature*. Cambridge: Polity, 2019.
- REITBERG, SCOTT; PATRICIA TOMASZEK; SANDY BALDWIN. *Electronic Literature Communities*. Morgantown: Center for Literary Computing and

ELMCIP, 2015.

- ROCHA, REJANE C. “Arquivos, Coletâneas, Antologias, Cartografias”. In: Andrea Catrópa; Vinícius Carvalho Pereira; Rejane Rocha (Org.). *Glossário LITDIGBR – Literatura Digital Brasileira*. 2025. Disponível em: <https://glossariolitdigbr.com.br/arquivos-coletaneas-antologias-cartografias/>. Acesso em: 12 jun. 2025.
- \_\_\_\_\_. “El archivo como institución: el caso del Atlas de la literatura digital brasileña”. In: Carolina Gainza; Nohelia Meza; Rejane C. Rocha. (Org.). *Cartografía crítica de la literatura digital latinoamericana*. São Carlos: EDUFS-Car, 2023b.
- \_\_\_\_\_. “Fora da estante: questões de arquivo e de preservação da literatura digital”. *Nueva Revista del Pacífico*, 2021, núm. 74, pp. 290-309. Disponível em: <https://www.scielo.cl/pdf/nrp/n74/0719-5176-nrp-74-290.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- \_\_\_\_\_. “La memoria literaria: el archivo en tiempos de bases de datos”. *UNIVERSUM*, vol. 38, pp. 121-133, 2023a. Disponível em: <https://universum.otalca.cl/index.php/universum/article/view/568/169>. Acesso em: 02 dez. 2024.
- ROCHA, REJANE C.; LUCIANA SALAZAR SALGADO. “Na galáxia digital, questões sobre literatura e digitalidade”. *Bulletin of Hispanic Studies*, vol. 101, núm.6, 2024, pp.505-518. Disponível em: <https://www.liverpooluniversitypress.co.uk/doi/10.3828/bhs.2024.38>. Acesso em: 02 dez 2024.
- VÉLEZ, DIEGO. *Repertorio de Literatura Digital Colombiana*. 2024. Disponível em: <https://sites.google.com/view/reconfigurarlit/inicio>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- WALIYA, YOHANNA JOSPEH. *Multilingual African Electronic Literature Database & African Diasporic Electronic Literature Database*. 2021. Disponível em: <https://africanelit.org/>. Acesso em: 15 jun. 2025.